

VINGANÇA

V. E.
SCHWAB

Tradução de
Flavia de Lavor

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

Ao buscar vingança, cave dois túmulos —
um deles para si próprio.

Douglas Horton

GÊNESIS

SEIS SEMANAS ANTES

SUBÚRBIO DE MERIT

Na noite em que Marcella morreu, ela preparou o prato favorito do marido para o jantar.

Não porque fosse uma ocasião especial, mas porque *não* era — as pessoas viviam dizendo que o segredo do amor era a espontaneidade. Marcella não sabia se acreditava nisso; porém, estava disposta a tentar preparar uma comida caseira. Nada muito sofisticado — um bom bife selado com crosta de pimenta-do-reino, batata-doce assada em fogo baixo e uma garrafa de merlot.

Mas as seis horas chegaram e passaram, e Marcus ainda não estava em casa.

Marcella colocou a comida no forno para mantê-la aquecida e foi até o espelho do corredor conferir o batom. Desprendeu os longos cabelos pretos do coque bagunçado e os prendeu de novo, soltando algumas mechas antes de alisar o vestido evasê. As pessoas diziam que ela tinha uma beleza natural, mas a natureza tinha seus limites. A verdade era que Marcella passava duas horas na academia, seis vezes por semana, reduzindo, tonificando e alongando cada músculo definido do corpo esbelto de seu um metro e setenta e sete, e ela nunca saía do quarto sem a maquiagem bem-feita. Essa rotina não era fácil, mas ser casada com Marcus Andover Riggins — mais conhecido como Marc, o Tubarão, o braço direito de Tony Hutch — também não.

Não era fácil, mas valia a pena.

Sua mãe gostava de dizer que a filha tinha ido pescar e, de alguma maneira, apanhou um tubarão-branco. Mas o que a *mãe* não compreendia era que Marcella tinha jogado a isca já com o prêmio em mente. E que ela pegou *exatamente* o que queria.

O som do salto de seus sapatos altos vermelho-cereja no piso de madeira foi silenciado pelo tapete de seda enquanto ela terminava de pôr a mesa e acendia cada uma das vinte e quatro velas do par de candelabros de ferro que emoldurava a porta.

Marcus os odiava, mas, ao menos desta vez, Marcella não se importava. Ela adorava os candelabros, com os talos compridos e os galhos que se ramificavam — parecia o tipo de coisa que se encontraria em um castelo francês. Tornavam a casa luxuosa. Faziam dinheiro novo parecer herança de família.

Ela verificou as horas — sete, agora —, mas resistiu ao impulso de ligar para ele. O jeito mais rápido de apagar uma chama era sufocá-la. Além disso, se Marcus tinha negócios a tratar, então os negócios eram sempre prioridade.

Marcella se serviu de uma taça de vinho e se recostou na bancada, imaginando as mãos fortes de Marcus estrangulando alguém. Forçando uma cabeça a ficar debaixo da água, quebrando uma mandíbula. Uma vez, o marido chegou com sangue nas mãos e ela transou com ele ali mesmo na ilha de mármore, o cabo de metal da pistola ainda no coldre, o aço duro contra as costelas dela.

As pessoas achavam que Marcella amava o marido apesar do seu trabalho. A verdade era que ela o amava por causa do trabalho.

Entretanto, quando as sete horas se tornaram oito e as oito se aproximaram das nove, a empolgação de Marcella aos poucos se transformou em aborrecimento, e, quando a porta enfim foi aberta, o aborrecimento se intensificou até se transformar em raiva.

— Desculpa, querida.

A voz dele sempre mudava quando bebia, ficava arrastada e devagar. Era a única pista que o marido dava. Ele nunca tropeçava ou cambaleava, as mãos nunca tremiam. Não, Marcus Riggins era sólido feito uma rocha — mas também tinha seus defeitos.

— Tudo bem — respondeu Marcella, odiando a raiva no seu tom de voz.

Ela se virou para a cozinha, mas Marcus a agarrou pelo pulso e a puxou com tanta força que a fez perder o equilíbrio. Seus braços a envolveram, e ela ergueu os olhos para o marido.

É verdade que a cintura de Marcus se alargou um pouco ao passo que a dela se estreitou, aquele belo corpo de nadador ficava um pouco mais inchado a cada ano, mas seus cabelos castanhos e veranis não se tornaram mais ralos e seus olhos ainda eram do mesmo azul vigoroso da ardósia e das águas profundas. Marcus sempre foi bonito, embora ela não soubesse dizer o quanto da beleza advinha dos ternos feitos sob medida ou da maneira como ele se movia pelo mundo, como se esperasse que *o mundo* saísse do caminho, o que geralmente acontecia.

— Você está linda — sussurrou ele, e Marcella sentiu a urgência de Marcus, o desejo encostado nos seus quadris. Mas ela não estava no clima.

Ela estendeu o braço e passou as unhas por sua barba por fazer.

— Você está com fome, querido?

— Sempre — grunhiu ele no pescoço dela.

— Que bom — respondeu Marcella, afastando-se e alisando o vestido. — O jantar está pronto.



Uma gota de vinho tinto escorreu feito suor pela lateral da taça erguida, abrindo caminho até a toalha de mesa branca. Marcella a havia enchido demais, sua mão tinha perdido o controle com o crescente mau humor. Marcus não pareceu notar a mancha. Ele não parecia notar nada.

— À minha bela esposa.

Marcus nunca rezava antes das refeições, mas sempre fazia um brinde, desde a noite em que se conheceram. Não importava se ele tivesse uma plateia de vinte pessoas ou se estivessem jantando a sós. Ela havia achado isso adorável no primeiro jantar, mas, nos últimos tempos, parecia um gesto vazio, ensaiado. Com mais intenção de ser charmoso do que o era de fato. Porém, ele sempre dizia essas palavras, e talvez isso fosse um tipo de amor. Ou talvez Marcus fosse apenas metódico.

Marcella ergueu a taça.

— Ao meu marido elegante — respondeu ela de modo automático.

A borda da taça estava a caminho dos seus lábios quando ela notou a mancha no punho da camisa de Marcus. A princípio, achou que fosse apenas sangue, mas era uma cor muito viva, muito rosa.

Era batom.

Todas as conversas trocadas com as outras esposas vieram à tona.

O olhar dele já começou a perambular por aí?

Você está deixando ele de pau duro?

Todos os homens são lixo.

Marcus cortava o bife enquanto resmungava sobre seguros, mas Marcella não ouvia mais nada. Em sua mente, o marido passava o polegar sobre um par de lábios com batom, entreabrindo-os com o dedo.

Ela segurou a taça de vinho com força. Um calor fazia sua pele enrubescer ao mesmo tempo que ela sentia um frio no estômago.

— Que merda de clichê — disse ela.

Ele não parou de mastigar.

— O que foi que você disse?

— A sua manga.

O olhar de Marcus baixou lentamente para a mancha rosada. Ele nem teve a decência de fingir estar surpreso.

— Deve ser seu — comentou ele, como se alguma vez ela tivesse usado aquela cor ou possuísse algo tão brega e *delicadinho*...

— Quem é ela?

— Fala sério, Marce...

— *Quem é ela?* — exigiu saber Marcella, cerrando os dentes perfeitos.

Por fim, Marcus parou de comer e se recostou na cadeira, os olhos azuis fixos nela.

— Ninguém.

— Ah, quer dizer então que você está trepando com um fantasma?

Ele revirou os olhos, obviamente cansado do assunto, o que era irônico, considerando que Marcus costumava adorar qualquer conversa que fosse sobre *si mesmo*.

— Marcella, o ciúme realmente não cai bem em você.

— Doze anos, Marcus. Doze. E *agora* você não consegue mais manter o pau dentro das calças?

A surpresa atravessou o rosto dele, e a verdade a atingiu como um soco — é claro que essa não havia sido sua primeira traição. Era apenas a primeira vez que ele tinha sido *pego*.

— Quanto tempo? — perguntou ela com frieza.

— Deixa isso para lá, Marce.

Deixar para lá... como se a traição dele fosse como a taça de vinho que ela segurava, algo que tinha nas mãos por acaso e que poderia facilmente deixar de lado.

Não era a traição em si — ela poderia perdoar muita coisa pelo bem da vida que havia construído —, mas sim o olhar das outras mulheres, que Marcella sempre achou que fosse de inveja, os avisos resignados das primeiras esposas, o tremor no canto da boca sorridente, a percepção de que todo mundo *sabia*, sempre soube, só Deus sabe há quanto tempo, e que ela... não sabia.

Deixa pra lá.

Marcella pôs a taça de vinho na mesa. E pegou a faca de carne. E, ao vê-la fazer isso, o marido teve a coragem de desdenhar dela. Como se ela não soubesse o que fazer com aquilo. Como se não tivesse ouvido todas as histórias, não tivesse implorado para saber todos os detalhes. Como se ele não parasse de falar do trabalho quando estava bêbado. Como se ela não tivesse praticado com um travesseiro. Com um saco de farinha. Com um bife.

Marcus ergueu uma única sobrancelha.

— O que você planeja fazer agora? — perguntou ele, escorrendo condescendência da voz.

Ela deve parecer tão boba para ele, de unhas feitas e segurando o cabo da faca com um monograma aplicado.

— Bonequinha — entouo Marcus, e a palavra fez o sangue de Marcella ferver.

Bonequinha. Amorzinho. Querida. Era isso que ele achava dela depois de todo esse tempo? Uma coisa indefesa, frágil, fraca, *decorativa*, uma estátua de vidro feita para brilhar, reluzir e ficar bonita numa prateleira?

Quando percebeu que ela não ia largar a faca, o olhar de Marcus ficou sombrio.

— Não aponta essa faca para mim a menos que pretenda usá-la...

Talvez ela *fosse* de vidro.

Mas vidro só é frágil até quebrar.

Então se torna afiado.

— *Marcella...*

Ela investiu contra o marido e se sentiu estimulada ao ver os olhos dele se arregalarem um pouco de surpresa, derramando vinho quando se jogou para trás. Mas a faca de Marcella mal havia roçado na gravata de seda antes do punho de Marcus acertar sua boca. O sangue jorrou sobre sua língua, e os olhos de Marcella ficaram embaçados de lágrimas enquanto ela tombava sobre a mesa de carvalho, chacoalhando os pratos de cerâmica.

Ela ainda segurava a faca, porém Marcus apertava seu pulso com tanta força sobre a mesa que os ossos começaram a ranger.

Marcus já havia sido duro com ela antes, mas sempre no calor do momento, sinalizado por um pacto implícito, e Marcella avisava quando o marido passava do limite.

Isso era diferente.

Marcus tinha noventa quilos de força bruta, um homem que ganhava a vida quebrando coisas. E pessoas. Ele estalou a língua, como se ela estivesse sendo ridícula. Fazendo tempestade em copo de água. Como se ela o tivesse obrigado a fazer isso. Tivesse o obrigado a transar com outra mulher. Tivesse o obrigado a destruir tudo o que ela havia se esforçado tanto para construir.

— Ai, Marce, você sempre soube como me tirar do sério.

— Me *solta!* — sibilou ela.

Marcus aproximou seu rosto do dela, passou a mão pelos seus cabelos, segurou sua bochecha.

— Só se você for boazinha.

Ele estava sorrindo. *Sorrindo*. Como se aquilo fosse só mais um joguinho. Marcella cuspiu sangue na cara dele.

O marido deu um suspiro longo e lamentoso. Então bateu a cabeça dela com força na mesa.

De súbito, o mundo de Marcella ficou branco. Não se lembrava de ter caído, mas, quando sua visão voltou, ela estava sobre o tapete de seda ao lado da cadeira, a cabeça latejando. Ela tentou se levantar, mas o cômodo girava violentamente. Sentiu o gosto de bile, rolou para o lado e vomitou.

— Você devia ter deixado pra lá — disse Marcus.

Escorreu sangue para dentro de um dos seus olhos, manchando a sala de jantar de vermelho, enquanto o marido estendia o braço e segurava o candelabro mais próximo.

— Eu sempre odiei essas coisas — comentou ele, torcendo a haste até o candelabro cair.

A chama tocou nas cortinas de seda antes de o candelabro chegar ao chão.

Marcella se esforçou para se apoiar com as mãos e com os joelhos. Parecia que ela estava debaixo de água. Devagar, muito devagar.

Marcus estava parado na soleira da porta, observando. Apenas observando.

Uma faca de carne brilhou no chão de madeira. Marcella se forçou a se levantar no ar pesado. Ela estava quase de pé quando sentiu o golpe atingi-la por trás. Marcus havia derrubado o segundo candelabro. Ele desceu a toda a velocidade, os braços de ferro a prenderam no chão.

Era desconcertante a rapidez com que o fogo havia se espalhado. Ele saltou da cortina para a poça de vinho, para a toalha de mesa e para o tapete. Já estava por todo lado.

A voz de Marcus soou em meio à névoa.

— A gente teve uma boa vida, Marce.

Aquele canalha desgraçado. Como se *alguma parte daquilo* tivesse sido ideia dele ou algo que ele tivesse feito.

— Você não é nada sem mim — declarou ela, a voz trêmula. — Eu fiz de você quem você é, Marcus. — Ela tentou se levantar, forçando o candelabro, que não se mexeu. — E eu vou desfazer.

— As pessoas falam todo tipo de coisa antes de morrer, querida. Eu já ouvi de tudo.

O calor dominou o cômodo, além dos pulmões e da mente de Marcella. Ela tossia, mas não conseguia respirar.

— Eu vou *destruir* você.

Não houve resposta.

— Você está me ouvindo, Marcus?

Nada, apenas silêncio.

— Eu vou destruir você!

Ela gritou essas palavras até sua garganta queimar, até a fumaça roubar sua visão e sua voz, e mesmo então elas ecoaram em sua mente, e seus últimos pensamentos a seguiram escuridão adentro.

Eu vou destruir você.

Eu vou destruir.

Eu vou.

Eu...



O policial Perry Carson estava travado na vigésima sétima fase de *Radical Raid* havia quase uma hora quando ouviu um motor acelerar. Ele ergueu os olhos a tempo de ver o sedã preto e polido de Marcus Riggins se afastar do semicírculo de ardósia que formava a entrada da garagem da mansão. O carro atravessou a rua a toda, uns bons cinquenta quilômetros por hora acima do limite de velocidade permitido nos subúrbios, mas Perry não estava na viatura e, mesmo se estivesse, não havia passado as últimas três semanas nessa tocaia de merda pedindo comida gordurosa só para prender Riggins por uma pequena infração de trânsito.

Não, o Departamento de Polícia de Merit precisava de algo *grande* — e não apenas Marc, o Tubarão. Eles precisavam de todo o oceano de criminosos.

Perry se ajeitou de novo no banco de couro surrado e voltou ao jogo, passando da vigésima sétima fase ao mesmo tempo que sentiu o cheiro de fumaça.

Com certeza era algum idiota acendendo uma fogueira perto da piscina sem autorização. Ele espiou pela janela — era tarde, já passava das dez e meia, o céu estava um breu a essa distância de Merit e a fumaça não se destacava da escuridão.

Mas o fogo, sim.

O policial saiu do carro e atravessou a rua quando as chamas iluminaram as janelas da frente da mansão Riggins. Ele relatou o incêndio assim que chegou à porta. Estava destrancada — graças a deus —, e ele a escancarou, já preparando o relatório na cabeça. Diria que a porta estava aberta, que ouviu alguém gritar por socorro, embora na verdade ele não tivesse ouvido *nada* a não ser o estalido da madeira queimando e o silvo das chamas subindo pelo saguão.

— Polícia! — gritou ele através da fumaça. — Tem alguém aqui?

Ele tinha visto Marcella Riggins chegar. Mas não a viu sair. O sedã havia passado por ele em alta velocidade, mas não tão rápido a ponto de deixar dúvidas — não havia ninguém no banco do carona.

Perry tossiu na manga da camisa. Já ouvia as sirenes soando ao longe. Ele sabia que devia voltar e esperar, lá fora, onde o ar era limpo, fresco e seguro.

No entanto, ele virou num canto e viu o corpo preso debaixo de uma espiral de ferro do tamanho de um cabideiro. As velas haviam derretido, mas Perry percebeu que era um candelabro. Que tipo de pessoa *tem* um candelabro?

Perry tocou a haste e logo afastou a mão — estava escaldante. Ele xingou a si mesmo. Os braços de metal já haviam queimado o vestido de Marcella nos pontos em que a tocavam, sua pele estava vermelha e em carne viva, mas a mulher não berrava nem gritava.

Ela não se mexia. Seus olhos estavam fechados e havia sangue grudado na lateral da sua cabeça, embaraçando os cabelos pretos no couro cabeludo.

Ele tentou sentir o coração dela e encontrou uma pulsação hesitante que pareceu diminuir sob seu toque. O fogo estava ficando cada vez mais quente. A fumaça estava mais espessa.

— Merda, merda, merda — murmurou Perry, examinando a sala enquanto as sirenes tocavam lá fora. Uma jarra de água havia se derramado sobre um guardanapo, fazendo com que o tecido não queimasse. Ele enrolou o tecido na mão e em seguida pegou o candelabro. O tecido úmido chiou e o calor subiu pelos seus dedos enquanto ele içava a barra de ferro com toda a sua força. Ela se ergueu e rolou para longe do corpo de Marcella ao mesmo tempo que vozes chegaram ao hall. Os bombeiros entraram a toda na casa.

— Aqui dentro! — ofegou ele, sufocando em meio à fumaça.

Dois bombeiros adentraram na névoa pouco antes de o teto rugir e de um lustre desabar. Ele se despedaçou na mesa da sala de jantar, que se quebrou e começou a lançar chamas. A próxima coisa que Perry se deu conta foi de ser puxado para fora do cômodo e da mansão em chamas, de volta à noite fresca.

Outro bombeiro seguiu logo atrás, com o corpo de Marcella jogado por sobre o ombro.

As chamas tomaram a casa, a mão dele latejava, os pulmões queimavam, e Perry não se importava com nada disso. A única coisa que importava para ele no momento era salvar a vida de Marcella Riggins. Marcella, que sempre lançava um sorriso amarelo e um aceno atrevido para os policiais que a seguiam. Marcella, que jamais deduraria o marido criminoso.

No entanto, levando em consideração o corte na cabeça, a casa em chamas e a partida apressada do marido, havia uma chance de ela ter mudado de opinião. E Perry não ia desperdiçar essa oportunidade.

As mangueiras lançavam jatos de água nas chamas, e Perry tossia e cuspiu, mas se afastou de uma máscara de oxigênio quando dois paramédicos acomodaram Marcella em uma maca.

— Ela não está respirando — avisou um dos paramédicos, cortando o vestido dela.

Perry correu atrás dos paramédicos.

— Sem pulsação — acrescentou o outro, dando início à massagem cardíaca.

— Então a traga de volta! — gritou Perry, subindo na ambulância. Ele não poderia levar um cadáver como testemunha no tribunal.

— Os níveis de saturação de oxigênio estão despencando — disse o primeiro, colocando uma máscara de oxigênio em Marcella.

A temperatura dela estava muito alta, e o paramédico pegou uma pilha de bolsas térmicas instantâneas e começou a partir os selos, colocando-as sobre suas têmporas, seu pescoço e seus pulsos. Ele entregou a última bolsa térmica a Perry, que a aceitou de má vontade.

Os batimentos cardíacos de Marcella apareciam num monitor pequeno, uma linha sólida, reta e imóvel.

A van se afastou da mansão, que ficava cada vez menor na janela. Perry havia passado três semanas do lado de fora daquele lugar. Fazia três *anos* que ele tentava pegar a quadrilha de Tony Hutch. O destino tinha lhe dado a testemunha perfeita, e não havia a menor chance de devolvê-la sem lutar.

O terceiro paramédico tentou cuidar da mão queimada de Perry, mas ele se afastou.

— Se concentra nela — ordenou ele.

As sirenes soavam noite adentro enquanto os paramédicos trabalhavam, tentando forçar os pulmões de Marcella a respirar e o coração a bater. Tentando extrair vida das cinzas.

Mas não estava dando certo.

Marcella estava deitada ali, o corpo mole e sem vida, e a esperança de Perry começou a esvaír, morrer.

E, então, entre uma massagem e outra, a terrível linha estática da sua pulsação deu um salto, um baque e, por fim, começou a emitir um bipe.

I

RESSUREIÇÃO



QUATRO SEMANAS ANTES

HALLOWAY

— Eu não vou repetir a pergunta — disse Victor Vale enquanto o mecânico se arrastava de costas no chão da oficina, afastando-se dele, como se alguns centímetros fossem fazer diferença.

Victor o seguiu lenta e continuamente, e ficou observando o homem recuar até um canto.

Jack Linden tinha 43 anos, uma barba por fazer, graxa sob as unhas e a habilidade de consertar as coisas.

— Eu já disse para você — respondeu Linden, saltando de nervoso quando as costas se chocaram em um motor meio montado. — Eu não consigo fazer isso...

— Não mente para mim — alertou Victor.

Ele flexionou os dedos em volta da pistola, e o ar estalou com a energia.

Linden estremeceu, suprimindo um grito.

— Eu não estou mentindo! — berrou o mecânico. — Eu conserto *carros*. Remonto *motores*. Não pessoas. Carros são fáceis. Parafusos, porcas e canos de combustível. As pessoas são feitas de *muito* mais coisas.

Victor não acreditava nisso. Jamais havia acreditado. Talvez pessoas fossem mais complexas, mais cheias de nuances, mas eram máquinas em sua essência.

Uma coisa que funcionava ou não; que podia quebrar e ser consertada. Elas *podiam* ser consertadas.

Ele fechou os olhos, medindo a corrente dentro de si. Já estava nos músculos, já corria pelos ossos, já a sentia no peito. A sensação era desagradável, mas nem de longe tão desagradável quanto o que aconteceria assim que a corrente atingisse o nível máximo.

— Eu juro — disse Linden. — Eu ajudaria você, se pudesse. — Mas Victor percebeu a mudança nele. Ouviu sua mão bater nas ferramentas espalhadas pelo chão. — Você tem que acreditar em mim... — continuou ele, os dedos se fechando em torno de algo metálico.

— Eu acredito — respondeu Victor, abrindo os olhos no instante em que Linden avançava sobre ele segurando uma chave inglesa. Mas, no meio do movimento, o corpo do mecânico diminuiu a velocidade, como se de repente uma força o puxasse na direção contrária, e Victor sacou a arma e atirou na cabeça dele.

O som ecoou pela oficina, ricocheteando no concreto e no aço enquanto o mecânico tombava.

Isso foi decepcionante, pensou Victor quando o sangue começou a escorrer pelo piso.

Ele enfiou a pistola no coldre e se virou para ir embora, mas só conseguiu dar três passos antes da primeira onda de dor o atingir em cheio, repentina e aguda. Ele cambaleou, usando as ferragens de um carro para se equilibrar enquanto a dor dilacerava seu peito.

Há cinco anos, seria o simples caso de girar aquele botão interno, desconectando a energia dos nervos e fugindo de toda a sensação.

Mas agora não havia como fugir daquele poder mortal.

Os nervos dele estalaram, a intensidade da dor aumentava como um botão girando. O ar zunia com a energia e as luzes piscavam acima de sua cabeça conforme ele se afastava com dificuldade do cadáver e atravessava a oficina seguindo para o portão de metal. Ele tentava se concentrar nos sintomas, reduzindo-os a fatos, estatísticas, quantidades mensuráveis e...

A corrente completou um arco dentro dele e Victor estremeceu, tirou um protetor bucal preto do casaco e o enfiou entre os dentes pouco antes de cair de joelhos, o corpo se curvando sob a pressão.

Victor lutou — ele sempre lutava —, mas, alguns instantes depois, ele estava deitado de costas no chão, os músculos ficando paralisados conforme a corrente atingia o nível máximo, então seu coração bateu num movimento súbito, perdeu o ritmo...

E ele morreu.